

# resenhas



# Por causa da questão

---

Sandra Leticia Berta

Resenha do livro *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*, Antonio Godino Cabas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Neste livro, o psicanalista Antonio Godino Cabas realiza um percurso sobre o conceito do *sujeito* para a psicanálise, apoiado na disciplina do comentário de texto e com o rigor da leitura que o caracteriza na sua clínica. Partindo da sua tese de doutorado, cujo propósito foi “investigar os fundamentos da noção do sujeito no discurso analítico” (p. 255), renova, ao pé da letra, um debate que pareceria extinto em tempos atuais, nos quais a preocupação pelas “novas formas do sintoma” tomou o primeiro plano das preocupações clínicas e das discussões dos psicanalistas. O autor é taxativo ao diferenciar o que diz respeito ao invólucro formal do sintoma e seu suporte – o Ideal – do sujeito em questão para a psicanálise. Todavia, alerta o leitor que a extensão desse debate abre para outros campos que conversam com a psicanálise, dentre os quais: o campo da filosofia política, instando a não confundir a expressão “novas formas de subjetividade”, oriunda deste último, com os fundamentos do conceito de sujeito, estritamente psicanalítico, o qual significa dizer: apoiado nas consequências extraídas da clínica psicanalítica. Portanto, esse retorno aos fundamentos se esclarece no que pretende ser o *objetivo específico* que o autor se propõe: “a reconstrução de um percurso que, tendo seu ponto de partida em Freud, leva a uma definição do sujeito na doutrina analítica” (p. 14).

Partindo *da questão do sujeito* em Freud, o autor alcança as diferentes formulações do *sujeito em questão*, para Lacan. Entretanto, um interlúdio será recortado com o objetivo de vincular a ética de Sócrates com a elaboração do conceito de inconsciente, mais especificamente, do desejo inconsciente, em Freud. Parece-nos que essa é a estratégia escolhida pelo autor para atrelar a pergunta pelo sujeito à dimensão ética do desejo, portanto, à dimensão ética da psicanálise.

A primeira parte, intitulada *Freud e a questão do sujeito*, abre-se com um texto no qual, além de advertir que na obra freudiana recolhemos somente uma linha sobre a questão do sujeito, o autor sublinha que a mesma se atrela ao conceito de pulsão. Essas duas

páginas do primeiro capítulo dão, de um golpe só, o roteiro que o autor pretende destacar: valendo-se dos exemplos clínicos extraídos da letra freudiana, nos dá a chave do que seria a trilha que leva do inconsciente freudiano à questão do sujeito. Eis que, como pano de fundo da reconstrução do conceito do sujeito, o autor articula os diferentes momentos que definiram, em Freud, a direção da cura. Isso para nos lembrar que, na psicanálise, o fundamento do conceito se extrai e se verifica na clínica.

Assim, o primeiro passo do autor, na pergunta pelo sujeito, se acompanha da sentença “fazer consciente o inconsciente”. O sonho da injeção de Irmã, “primeiro a ser decifrado na história da transmissão analítica”, serve-lhe para mostrar que o inconsciente freudiano é o desejo – realizado no sonho – e que o mesmo comporta “uma verdade difícil de sustentar e cuja estrutura implica um real impossível de suportar” (p. 35), razão pela qual se pergunta se não deveríamos admitir, numa primeira evidência, que “o desejo freudiano é um dos nomes do sujeito” (p. 39).

O segundo passo articula sintoma e pulsão. Em primeira instância, diferencia o instante do sonho contrapondo-o ao que perdura do sintoma, introduzindo, além da articulação dos pensamentos inconscientes, o *quantum* energético, isto é, o fator quantitativo. A introdução do *quantum* energético significa, na clínica, incluir o fator inercial, estando o mesmo ligado ao funcionamento e às exigências dos imperativos da pulsão. A partir dos desenvolvimentos da teoria das pulsões, Godino Cabas aponta como a questão do sujeito faz uma torção, pois, se o desejo é um dos nomes do sujeito e assumi-lo equivale a subjetivá-lo, resta uma segunda versão da questão a partir da qual o sujeito é o correlato freudiano de uma satisfação pulsional.

Cabe destacar as articulações que esse autor nos oferece sobre o conceito de pulsão e os avatares da vida pulsional, analisando como a metapsicologia freudiana aponta para a definição da causa material, sinalizando a pulsão como causa, e concluindo que esse conceito crucial não produziu uma metafísica, mas uma *analítica*: “Uma analítica que, diga-se de passagem, permite situar as variações da satisfação em meio a um quadro geral marcado pelas invariantes da repetição” (p. 58). Todavia, numa análise desse conceito,

o autor avança em relação a articulações anteriores sobre a pulsão, trabalhadas no seu livro *Oedipus Complexus est*<sup>1</sup>, desta vez para dar relevo à questão da fonte e do fim, “os dois termos mais intimamente conexos com o plano material da estrutura” (p. 60). Nesse ponto discute um tema atualmente em pauta na EPFCL, a saber: o corpo, numa leitura que redimensiona o dualismo psique-corpo. Ancorado nas formulações que oferece sobre a fonte pulsional, definida como furo que nenhum objeto pode saturar, indica os debates sobre os fins da direção da cura, perguntando-se como não poder ver que “a fonte pulsional é o ponto central, o âmago material, o real da estrutura?” (p. 66). Somente isso bastaria para negar toda relação da fonte com uma questão na qual o órgão não interessaria à psicanálise. Por último, a forma da pulsão leva-o direto à questão do sujeito, uma vez que nesse circuito de retorno à fonte “um efeito se inscreve no lugar que brotara o empuxo. Esse ponto concerne ao sujeito. O sujeito determinado pela incidência da pulsão” (p. 68). Desta vez, o exemplo dos destinos da pulsão lhe servirá para ilustrar e justificar suas afirmações.

As consequências desses desenvolvimentos se extraem, com Freud, em 1919 e 1920, quando se articulam a gramática pulsional e a repetição dando uma nova dimensão à clínica: *a clínica da repetição*. Godino Cabas diferencia a repetição inconsciente da compulsão de repetição para salientar que no limite da primeira – o umbigo do sonho – se assinala um ponto exterior à trama inconsciente, isto é: a pulsão. No limite da repetição como rememoração, a compulsão de repetição repete o imperativo da satisfação pulsional. Escreve de modo esclarecedor: “o imperativo pulsional é a causa da insistência inconsciente” (p. 80). Este imperativo articulado na letra freudiana através da noção do *Isso* – impessoal, estranho, alheio, antitético – e diferenciado do Eu psíquico, serve-lhe para destacar que a estrutura subjetiva freudiana se assenta numa divisão de dois regimes, a partir da qual é o Isso que insta o Eu. Portanto, a clínica dá um passo: de fazer consciente o inconsciente para *Onde o Isso era, Eu devo advir*. Que o Eu subjetive até onde for possível o Isso, essa será a finalidade da cura.

Finalizando esse percurso sobre a questão do sujeito freudiano, Godino Cabas conclui que o sujeito freudiano tem dois nomes: o

<sup>1</sup> Antonio Godino Cabas. *Oedipus Complexus est*. Buenos Aires: Helgueiro Editores, 1979.

desejo inconsciente e o saldo da satisfação pulsional na qual se inscreve: a fonte pulsional, sua materialidade de buraco, sua substância definida como furo. Ou seja: “o sujeito freudiano é – em última instância – um dos efeitos do real” (p. 73). Todavia, conclui também que a pergunta freudiana sobre a questão do sujeito tem no seu ponto de partida a pergunta pelo autor, o agente, dos atos humanos, e que tem no seu cerne a pergunta agostiniana *quaestio mihi factus sum* – a questão que me tornei para mim mesmo –, razão pela qual extrai uma consequência, a saber: Freud, sem ter dado nome ao conceito de sujeito, fundou seu campo, o campo do sujeito.

A segunda parte, *Lacan e o sujeito em questão*, abre-se com uma *advertência crítica*, longamente justificada, mesmo na dimensão histórica, discriminando a noção de sujeito na Psicanálise, na Filosofia Política e na Crítica contemporânea. Somente esse capítulo mereceria um amplo debate nas diferentes correntes atuais da intelectualidade que tendem a confundir o conceito de sujeito sem diferenciar suas procedências, questão que está em total sintonia com a seguinte pergunta: a constituição subjetiva do homem moderno muda com o tempo? Interessa observar que o autor recorta, nas raízes da psicanálise, a metafísica, de Santo Agostinho até Descartes, numa passagem que vai de “*o que sou?*” para “*o que sei?*”.

Assim, também, destaca sua análise do advento do conceito de sujeito em Lacan, como crítica ao desvio da psicanálise do pós-guerra, desvio que significava cortar as amarras subjetivas em prol de uma intenção objetivante. Portanto, da história da psicanálise, articulada com a história da filosofia, se desprendem os equívocos que ainda pairam sobre o conceito de sujeito. “De tal modo que o que representa uma solução para o mal-entendido clínico e analítico é, por sua vez, a fonte de um mal-entendido, dessa vez no campo da crítica e da epistemologia” (p. 113). Dessarte, no contexto do *retorno a Freud*, que acompanhou a definição *do sujeito em questão*, realizada por Lacan, o autor tratará do sujeito em questão, cingindo a questão do sujeito.

O percurso da sua leitura do ensino de Lacan denota seu esforço por centrar o debate em torno da dimensão ética da clínica psicanalítica, razão pela qual delimita noções axiais articuladas na clínica que permeiam a pergunta pelo estatuto do sujeito: a assun-

ção subjetiva que começa pela retificação subjetiva e encerra com a destituição subjetiva. Todas elas dizem respeito à *responsabilidade* do sujeito em face da *coisa* que lhe anima. Nesse sentido, observa que a primazia do simbólico surge como um princípio que permite retomar as bases da interpretação analítica, tomando como exemplo a análise das intervenções sobre transferência que Lacan destacou do caso Dora. Isso lhe permite afirmar que a realização do sujeito é efeito da cura e que existe um estreito parentesco entre o “sujeito” e a “questão”.

Godino Cabas vai trançando os diferentes momentos da direção da cura junto com as nuances que foi tomando a questão do sujeito, pondo o sujeito em questão. Entre 1954 e 1958, “a assunção subjetiva” está para Lacan como estava o princípio de “tornar consciente o inconsciente” para Freud. Cabe destacar que nesse momento, diferenciando a questão do sujeito do inconsciente do eu, o autor fornece uma orientação sobre a leitura do eu, como sintoma privilegiado, tema amplamente desenvolvido no final do ensino de Lacan. Portanto, o inconsciente “é esse sujeito desconhecido do ‘eu’, der Kern unseres Wesen – o núcleo de nosso ser...” (p. 150). Isso lhe permite afirmar, com Freud, que o sujeito é uma função, indissoluvelmente ligada ao desejo.

Por essa via, introduz a realização do sujeito e a razão socrática, vinculando em dois capítulos a posição de Freud e a de Lacan em face da ética da psicanálise, que incidem diretamente na pergunta pela formação do psicanalista. A pergunta pela presença de Sócrates no ensino de Lacan é a estratégia que lhe permite afirmar tanto a introdução de uma ruptura no campo do saber, que identifica como o surgimento da dimensão do desejo, quanto o osso da ética socrática que fundamenta a autorização do psicanalista “que tem como pré-requisito ineludível a realização da própria posição” (p. 161).

Ainda, com Lacan, destaca as modulações da posição do sujeito, recortando os limites e os impasses na formalização, que permitem ir além de uma definição do sujeito, definido como efeito da operação simbólica do significante. Por essa via, diferencia nas estruturas clínicas o tratamento da mencionada posição na sua relação com o saber inconsciente: na psicose (como exclusão), na perversão (como objeção) e na neurose (como questão). Porém, a

objeção mais radical ao simbólico ancora-se na relação do sujeito ao objeto, ou, mais precisamente, na construção do conceito de objeto, o qual significa tomar o objeto nos três registros RSI. Como escreve o autor, após a construção do grafo do desejo sustentada na pergunta pelo lugar do sujeito, e após ter constatado o impasse, uma vez que no grafo a localização do sujeito está intimamente ligada ao objeto ( $\$ \backslash a$ ), o saldo será a necessidade de incluir o objeto na determinação do sujeito. Para tanto, Lacan “precisará determinar a razão clínica e, sobretudo, a razão epistêmica capaz de dar conta do estatuto da função do real” (p. 198).

No último passo do seu livro, o autor retoma as coordenadas do problema referido ao estatuto do real para a psicanálise, debate datado na década de 60, pontuando as diferenças entre psicanálise e ciência, na sua interrogação sobre a verdade, e extraindo os enunciados que Lacan recolhe da epistemologia crítica da ciência. Isso para recolocar o real em causa na psicanálise. Assim, também, orienta sua leitura sobre a causa pondo em perspectiva “Lacan com Heidegger”, assinalando que “a causa não cria o efeito” (p. 212), e que se a causa material é a incidência significativa, por sua vez o *objeto a* é imaterial, carece de correlato substancial, uma vez que sua única substância é a satisfação. Após um amplo desenvolvimento, finalmente o autor recolhe duas citações que lhe serviram a modo de conclusão, para indicar como se resolve o debate sobre a noção de sujeito, em 1965. A primeira citação: “O sujeito é um efeito de linguagem” (p. 219), extraída de “Subversão do sujeito...”. A segunda afirmação, localizada em “Posição do inconsciente”: “O inconsciente é um conceito forjado na trilha do que opera para constituir o sujeito” (p. 219). Conclui, então, que o sujeito é uma função que deriva do real no campo da linguagem e por essa razão aparece no campo significativo. Mas, além do campo, está a causa localizada na intersecção da pulsão com o inconsciente, cujo correlato é o objeto *a*. Se Lacan afirma que o sujeito é uma resposta do real, o autor deste livro recorta da letra lacaniana que a função do sujeito é um “entre-deux”: a pulsão e o significativo. De onde se desprende que a questão do inconsciente freudiano e a do sujeito lacaniano são correlativas até suas últimas consequências.

Nessa fundamentação clínica, epistemológica e lógica, apoiam-

se suas críticas sobre o discurso das “novas formas do sintoma” e de um suposto novo sujeito, encerradas com uma sentença “nada feito quanto à hipótese de um novo sujeito” (p. 237).

Esse livro é um fiel exemplo de transmissão da psicanálise. Antonio Godino Cabas dá um *passo*, de Freud a Lacan, e fundamenta que na psicanálise a questão do sujeito continua a nortear a clínica:

E agora, após tudo quanto acaba de ser dito, só resta perguntar: que é pois o sujeito senão uma posição? Que é ele senão um termo de responsabilidade face às exigências da pulsão? Que é ele senão o ponto onde se põe uma responsabilidade pelo gozo e pela causa do desejo? Que é ele senão uma decisão de assumir – ou não – isso que clama e ao que não há como não dar sua devida resposta? E que é essa decisão de assumir – ou não – os empuxos da exigência senão o exercício de uma responsabilidade? (p. 227).

Eis *um passo* em direção aos fundamentos que, consideramos, faz história na formação do psicanalista. Como ele nos alerta no final, esse passo dado “não é ponto de chegada, mas ponto de partida” (p. 227).

